

VERSION PORTUGAISE

Uma das muitas interessantes manifestações da psicologia do homem da Europa é sem dúvida o amor, sentido por muitos indivíduos, pelos países estranhos e distantes, pelas civilizações exóticas; e digo - homem da Europa - por me parecer que a sentimentalidade dos outros homens não se encontra excitada a um tão alto grau de eficiência que os arremesse a um tal desmando... pois bem cabe o nome de desmando a este fenómeno.

A misteriosa atração do exotismo tem, com efeito, desviado um grande número de existências da rotina da vida, tem subjugado a seu capricho muitas actividades dispersas. Não falo, é claro, das massas emigrantes, que se expatriam por miséria, na esperança de algum conforto; nem da chusma dos negociantes, impelidos por uma única ideia - a ideia do ganho - que povoam as terras estranhas; nem dos missionários religiosos, levados pela fé ou pela obediência aos chefes a trocarem a pátria pelo exílio; nem ainda de muitos outros forasteiros, como por exemplo a maruja dos barcos, atirada ao acaso à portos remotíssimos, como por exemplo os funcionários diplomáticos e consulares que a gente vai encontrando por todo este mundo fora no exercício das suas carreiras aventureiras e no gozo do seus amplos ordenados. Quando falo dos amorosos do exotismo, refiro-me unicamente a um grupo reduzido de homens, àqueles que pelo exotismo tudo perdem e a ele se escravizam, àqueles que se sentem fatalmente atraídos pelo estranho e para o estranho se encaminham; fugindo, se podem, ao seu meio, indo identificar-se quanto possível com o meio novo, divorciados absolutamente das sociedades tão diferentes onde nasceram e onde os primeiros anos de juventude lhe medraram.

Transcendentais, incompreensíveis influências hereditárias terão amassado, durante milhares de séculos sem conto, o barro humano em que esses amorosos do exotismo são moldados; jamais se chegará a conhecer, ou mesmo a presumir, a essência subtilíssima de tais influências. O que julgo poder assegurar-se desde já, é que esses curiosos indivíduos nasceram já morbidamente incompatíveis com a dose de felicidade que o próprio meio pode dar, ou então, por vicissitudes que sofreram, tornou-se-lhes a pátria uma madrasta. Falta-lhes o pão do espírito; emigram, pois, logicamente, como o lavrador pobre dos campos a quem falta o pão do almoço emigra para longe, em busca de sustento.

Wenceslau de Moraes, «O exotismo japonês, Tokushima junho de 1919» in *O-Yoné e Ko-Haru*, Porto, 1923